

Ficção e verdade em Heródoto e Tucídides

Fiction and truth in Herodotus and Thucydides

BRENO BATTISTIN SEBASTIANI¹ (Universidade de São Paulo — Brasil)

Abstract: This paper discusses the delimitation of fiction and truth respectively in the narratives of Herodotus and Thucydides, thus tackling the aspect each historian most deeply concentrated on. By means of a comparative and historiographic-literary approach, the paper aims at examining the ambiguous zone of collaboration and dispute between both aspects in those narratives.

Keywords: Fiction; Truth; Herodotus; Thucydides.

Maiores vezes, ainda fico pensando. Em certo momento, se o caminho demudasse — se o que aconteceu não tivesse acontecido? Como havia de ter sido a ser? Memórias que não me dão fundamento. O passado — é ossos em redor de ninho de coruja...

(Riobaldo, *Grande Sertão: Veredas*)

Questão central para qualquer historiografia e não menos para a grega em particular, os problemas decorrentes da delimitação dos domínios da ficção, da verdade e da colaboração, quando não mesmo indistinção, entre ambas, permanecem tão desafiadores quanto outrora e ultrapassam em muito o escopo de um artigo. Este texto discute, assim, alguns desses problemas associados a tais domínios nas narrativas de Heródoto e Tucídides, tentando partir daqueles a que mais dedicou atenção cada um dos historiadores: a ficção, no caso do primeiro, e a verdade, no do segundo. A seção final se concentrará em algumas porosidades decorrentes do diálogo entre ficção e verdade nas obras de ambos, na tentativa de compreender sobretudo a complementaridade, mais do que a contraposição, entre os dois historiadores e suas premissas de partida.

O livro 3 de Heródoto concentra os relatos e meditações talvez os mais explícitos das *Histórias* a respeito da presença e significado de ficções em uma

Texto recebido em 05.07.2017 e aceite para publicação em 03.01.2018.

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — Brasil. Todas as traduções são de responsabilidade do autor.

¹ sebastiani@usp.br.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 20 (2018) 53-74 — ISSN: 0874-5498

narrativa historiográfica. Cambises e Dario são personagens centrais desse livro e exemplificam dois tipos de emprego da mentira política que, se lidos metanarrativamente, indiciam também modos de que Heródoto teria se servido para construir o restante da obra. Enlouquecido em decorrência de uma punição divina (por ter ferido o deus Ápis, no Egito) ou da epilepsia, Cambises entrelaça verdade e mentira à loucura, todas aleatórias e ruinosas a ponto de lhe cobrar o reino e a vida. Dario, por sua vez, enuncia e faz uso sistemático da mentira pragmática, calculada e oportunista, com o fim ora de alcançar, ora de preservar o próprio poder. Ao narrar tais procedimentos, o narrador, o próprio historiador, o faz com o evidente objetivo de contrapor e discutir modos de relacionamento no âmbito de um regime monocrático ou mesmo autocrático. Oblíqua e implicitamente, porém — e este é o ponto que ora me interessa —, Heródoto discute também distintos modos de narrar nos passos em que atribui a cada uma dessas personagens diferentes reflexões sobre os próprios atos. E ao fazê-lo, examina zonas de porosidade entre o gênero historiográfico e a narrativa ficcional, entre possíveis verdades factuais e as ine-vitáveis mediações implicadas em sua apreensão e transmissão, reconhecendo a todos esses domínios, estritamente literários ou também práticos, como complementares e colaborativos em sua autonomia.

De modo análogo, porém partindo da “investigação da verdade” (1.20.3: *he zétesis tês aletheías*), Tucídides tenta não apenas definir o que seria essa noção fundamental, *alétheia*, factual e também narrativa, como principalmente — e este é o momento em que a colaboração, mesmo que muito indireta, com a narrativa de Heródoto se faz mais evidente — tenta igualmente desbastar da formulação inicial todas as eventuais aparas que *não* fariam parte dessa noção. Ao contrapor *alétheia* e outros vários modos que poderiam ser abreviadamente descritos como *não-verdade*, o historiador ateniense termina por também enunciar outros tantos modos de se pensar a ficção.

Os passos examinados a seguir explicitam tais sugestões e buscam discutir a percepção fundamental da ficção como verossimilhança neles implicada, bem como sua relevância para a enformação seja do gênero praticado por Heródoto, seja daquele proposto por Tucídides. São passos que podem ser ditos programáticos pois discutem o uso e a eficácia da ficção no interior de duas espécies de um mesmo gênero — a historiografia — que problema-

tiza a verdade indiretamente, por via da exploração da ficção intranarrativa, quando não diretamente. E. Baragwanath² aponta a imprevisibilidade como lição da narrativa de Heródoto, por contraposição à previsibilidade da natureza humana em Tucídides, lições que, acrescento, estão intimamente associadas a percepções de verdade e ficção como problemas, não como dados. Seria a ficção em Heródoto, dado seu caráter recorrente e multifacetado, também um problema inscrito numa questão maior, a da surpreendente polimorfia do gênero humano? E como a busca tucidiana por uma *alétheia* unificante e previsível se correlaciona com o anseio por encontrar um denominador comum inerente a todos os homens? Antes que a um suposto “caráter da narrativa”, as noções de verdade e ficção em cada obra parecem decorrentes dos traços que cada historiador almeja identificar seja no curso do devir, seja, principalmente, nas personagens que talha, seja ainda, talvez, na construção de suas próprias identidades, estritamente narrativas ou não.

Mais significativo do que o embate entre o que se poderia designar como verdade e pós-verdade é a consciência de ambos os narradores ante a existência de diferentes versões sobre um mesmo problema e a difração de pontos de vista que cada uma delas forçosamente suscita. Tal dialética é abundantemente enfatizada por Heródoto em outros passos programáticos da obra (e.g., 1.5, 3.38), mas sobretudo no livro 3 — e daí a concentração neste livro — com maior insistência e em dois planos: intratextual, em que o jogo entre ficção e realidade é jogado às vistas do leitor e para seu entretenimento; e extratextual, em que sutilmente o historiador encadeia versões que podem ser tanto verdadeiras quanto causos disseminados ou mesmo relatos de sua própria lavra. No caso do historiador ateniense, os passos que poderiam ser ditos programáticos e complementares são basicamente três: 1.20-22, 5.26 e 6.55. Todos sintetizam, pressupondo, desenvolvimentos posteriores rastreáveis no interior da narrativa.

Uma ressalva se faz necessária, porém, antes do exame da proposta. O objetivo deste texto não é, bem entendido, o de reacender polêmicas como, por exemplo, a que travaram H. White e A. Momigliano nos anos 1970, nem o de concluir, replicando O. Wilde, que “[t]ruth is entirely and absolutely a

² BARAGWANATH (2008) 107.

matter of style”³. Os problemas éticos acarretados pela dissolução da noção de verdade dão ensejo a formas de encantamento análogas à morte do receptor-intérprete, isto é, pouco o esclarecem quanto ao potencial tanto prático quanto intelectual que tal noção porventura ainda represente. O único objetivo deste texto é, reitero, o exame da zona ambígua e conflituosa de colaboração e embate entre verdade e ficção nas narrativas daqueles dois historiadores gregos, questão que promete ainda permanecer fértil em desdobramentos por muito tempo, como o demonstram discussões recentes⁴.

A ficção como problema em Heródoto

Já acometido pela loucura e agastado contra Prexaspes, que lhe havia transmitido uma opinião desfavorável dos súditos a seu respeito, Cambises questiona a veracidade dos juízos e falas dos persas⁵ e submete o cortesão a algo como um teste de veracidade⁶ do que acabara de ouvir. Ele, Cambises, atiraria uma flecha contra o filho de Prexaspes. Se ela acertasse bem no coração do jovem, então a opinião dos persas não faria sentido; se, porém, Cambises errasse, então teriam dito a verdade (3.35.1-3). Feito o disparo e aberto o peito do cadáver, a flecha está cravada no coração, o que leva Cambises a concluir: “não estou louco e os persas deliram” (3.35.4).

O acento sobre a crueldade da vingança pessoal fortuita mais a incongruência entre o teste e o objeto que supostamente verificaria escancaram quem de fato enuncia *alétheia*, se o rei ou os persas, e induz à confirmação da tese que o historiador enunciará poucos parágrafos adiante: *para mim é absolutamente evidente que Cambises estava completamente louco* (3.38.1). A exposição da opinião do rei sobre *alétheia* e dos expedientes de que ele se serve para justificá-la reforça, por contraste, a justeza da percepção do narrador a respeito dela, *alétheia*, subrepticamente confirmada pelo relato que a veicula.

³ WILDE (1905) 9. Publicado originalmente em 1891, esse ensaio em forma de diálogo enuncia, antecipando muitos dos conteúdos do processo que viria a ser conhecido como *linguistic turn*, o juízo o mais conciso e corrosivo contra qualquer concepção de verdade, seja ela narrativa, factual, filosófica ou epistemológica.

⁴ E.g. MOLES (1993) 116 e CARTLEDGE (2009) 378.

⁵ Hdt.3.34.3: Οὐδ' ἄρα σφέων οἱ πρότεροι λόγοι ἦσαν ἀληθείες.

⁶ Hdt.3.35.1: Σύ νυν μάθε [αὐτὸς] εἰ λέγουσι Πέρσαι ἀληθέα εἴτε αὐτοὶ λέγοντες ταῦτα παραφρονέουσι.

Se Cambises mente alegando dizer a verdade, porque louco, Heródoto por implicação talvez estivesse dizendo a verdade, ainda que mediante a forja de um exemplo fictício. Ou talvez não. De qualquer modo, a ficção problematiza imediatamente a verdade ante os olhos do leitor.

Prexaspes, por sua vez, quando precisa confirmar a veracidade da informação sobre a natureza de um usurpador do trono e evitar nova vingança por parte de Cambises, submete a interrogatório um mensageiro. Apresentado como um interrogatório próprio de um *hístor* antigo, a quem caberia ajuizar a verdade sem ter necessariamente vivenciado os fatos que lhe são reportados⁷, o relato antes confirma o juízo do historiador sobre o rei do que o desmente. O cortesão questiona: *caso digas a a verdade* (aletheíen), *partirás tranquilo: acaso foi o próprio Esmérdis em pessoa, cara a cara* (es ópsin), *quem te deu tais ordens, ou um seu servidor?* O mensageiro afirma não mais ter visto (*ouko ópopa*) Esmérdis desde a partida de Cambises, que recebera ordens do mago usurpador, e o historiador arremata afirmando que ele *havia falado sem mentir* (*élege oudén epikata-pseusámenos*) (3.63.1-3)⁸. Ao contrário do episódio anterior, neste uma verdade intranarrativa equivaleria a uma outra verdade extranarrativa?

Por um lado, a atitude de Prexaspes explicita um procedimento corriqueiro, de simples bom senso, análogo ao do *hístor* que investiga o testemunho visual alheio — a atitude do rei é análoga à do próprio Heródoto ao tratar do Egito (2.99) e mesmo dos persas ao longo de todo o livro 3, cuja

⁷ Etimológica e tradicionalmente (Il.18.501 [ἵστορι] e 23.486 [ἵστορα]; Hes.Op.792 [ἵστορα]; HrcI.fr.35 DK [ἵστορας]; Hrcr.Jusj.2 [ἵστορας]), ἵτωρ (ou ἵτωρ) denotava o indivíduo cuja prudência lhe permitia ajuizar e fazer ver a verdade dentre versões conflitantes sem que necessariamente houvesse presenciado a situação que as engendrara — PIRES (2003) 133-135. Ao exercício dessas faculdades os gregos denominaram ἵστορία. Sobre o “duplo lugar” da αὐτοψία “enquanto procedimento que coloca a visão como eixo investigativo”, cf. NICOLAZZI (2013) 67: “ao mesmo tempo ela é condição para a prática do historiador e resultado ao qual este almeja alcançar. O ‘ver com seus próprios olhos’ passa a ocupar o lugar tanto do historiador quanto do seu leitor”.

⁸ Sobre o *lógos* do falso Esmérdis (Hdt.3.61-88) como ponto de viragem do livro, *lógos* que poderia ser lido como um “romance” ou “parábola sobre verdade e mentira” — *leitmotif* do livro e matéria-prima da “criatividade narrativa” de Heródoto, cf. ASHERI (2007) 385-393. Mais adiante (458, *ad loc.*) o comentarista aventa a possibilidade de a estória ter sido uma forja do próprio Dario para justificar a usurpação que de fato perpetrava.

cronologia precede o narrador em pelo menos duas gerações (cf. 3.3.1 e 3.115.2). Por outro, ressalta os desacertos e o descomedimento de Cambises, que para averiguar a opinião dos persas concebe um teste estapafúrdio e por meio do qual a verdade que vem à tona, embora ou porque extremamente precisa, não se distingue da insensatez. Pelo contraste implícito com os atos do rei desequilibrado, o narrador reforça a valia do procedimento persuasivo e investigativo de que se servem ele próprio e Prexaspes, procedimento tão corriqueiro quanto fundamental, tão garantidor de uma verdade acessível quanto justificador de versões habilmente forjáveis. E com isso a narrativa se constitui como artefato tão verdadeiro quanto fictício a um só e mesmo tempo, transferindo ao leitor, seu necessário cocriador, as decisões sobre seu caráter e modos de apreciá-lo.

O valor heurístico das ficções intranarrativas do rei se define pelo desconto da loucura que as forja. Tal valor sinaliza a possibilidade de a meta implícita do narrador se encontrar em outro polo, isto é, no da tentativa lúcida de resgatar e construir alguma verdade. Mesmo quando se serve da verdade, Cambises só o faz para persistir na fantasia delirante. Dario, o homem clarividente, por outro lado, tem na manipulação fria da mentira um instrumento valioso para o sucesso político. Ao defender uma ação vigorosa e rápida contra o mago usurpador, o futuro rei persa justifica maquiavélicamente a necessidade de mentir para burlar os guardas do palácio e dar cabo do falso Esmérdis:

quando é preciso dizer uma mentira, que se a diga, pois quem mente e quem se serve da verdade anseia pela mesma coisa. Os que mentem, se estão convencidos de poder lucrar com a mentira; os que dizem a verdade, para que com ela obtenham algum lucro e se mostrem mais confiáveis. Assim, embora sem agir do mesmo modo, aspiramos ao mesmo fim. Se nenhum ganho estivesse em jogo, quem diz a verdade seria igualmente mentiroso e vice-versa⁹.

⁹ Hdt.3.72.4-5: Ἐνθα γὰρ τι δεῖ ψεῦδος λέγεσθαι, λεγέσθω. Τοῦ γὰρ αὐτοῦ γλιχόμεθα οἳ τε ψευδόμενοι καὶ οἳ τῇ ἀληθείῃ διαχρεώμενοι· οἳ μὲν γε ψεύδονται τότε ἐπεὶ ἂν τι μέλλωσι τοῖσι ψεύδεσι πείσαντες κερδήσεσθαι, οἳ δ' ἀληθίζονται ἵνα τι τῇ ἀληθείῃ ἐπισπάσωνται κέρδος καὶ τις μᾶλλον σφι ἐπιτρέπηται. Οὕτω οὐ ταῦτ' ἀσκεόντες τῶν αὐτῶν περιεχόμεθα. Εἰ δὲ μηδὲν κερδήσεσθαι μέλλοιεν, ὁμοίως ἂν ὁ τε ἀληθίζόμενος ψευδῆς εἴη καὶ ὁ ψευδόμενος ἀληθής. Sobre o caráter programático desse passo específico para todo o livro terceiro, cf. BARAGWANATH (2008) 86.

Antes, porém, que um proverbial “os fins (*kérde, epitrépo*) justificam os meios (*alétheia, pseûdos*)” com vistas à tomada do poder, a observação de Dario enuncia um truísmo político, mas também literário, que poderia ser sintetizado como “ninguém fala sem intenção; é esta, mais do que a fala, o que recebe valor de quem as concebe e o transmite à ação — por vezes uma outra fala; é o recebedor-evento¹⁰ quem atribui sentido a todo texto”. Ao focar na produção do alvo e não dos meios, tomados como indiferentes na ausência de agentes e fins que os problematizem, Dario leva adiante a empreitada que, a seguir, consumará politicamente com sua ascensão ao trono mediante o estratagema do cavalo (3.84-87), de modo que intranarrativamente suas ficções se confirmem como previsões — como verdades? — e, presumivelmente, ele encarne o “homem excelente” por cujo perfil teria advogado no “debate persa” (3.80-2)¹¹. O fato de tal justificativa vir inserida em um contexto estritamente político não necessariamente afasta, embora tampouco endosse, a suspeita de que análoga reflexão delimitasse permanentemente o horizonte do *hístor* antigo no ato de construção da narrativa. Análoga não tanto por eventuais vantagens ou prestígio auferidos com o relato, o que acarretaria implicações éticas impossíveis de se mensurar, mas antes pelo trabalho consciente com os meios, distinguindo-os ou (con)fundindo quando lhe parecesse propício ou necessário.

A fala de Dario parece antes exemplar, típica de determinadas personagens em situações específicas — no caso, a iminência da chegada ao poder —, do que uma vocalização que reproduz o pensamento de uma personagem histórica. Ela traduz um *modus operandi* da arena política, talvez “o” *modus* por excelência, assim como da própria construção da narrativa com-preendida como parte de processos políticos mais amplos — no caso, da situação do *hístor* em seu contexto e dos impactos da recepção de sua obra. Mas há outro ponto mais significativo implícito nessa fala e em toda a sequência dos atos de Dario fundados em ficções e estratagemas: o fato de que a elaboração de uma ficção é um procedimento enformador, isto é, que dá forma tanto ao poder quanto à narrativa desde dentro, sendo uma habilidade ímpar tão imprevisível e multi-

¹⁰ Para a noção de evento como horizonte de sentido do recebedor, cf. JAY (2011) 567.

¹¹ Cf. Hdt.3.82.2: Ἄνδρὸς γὰρ ἑνὸς τοῦ ἀρίστου οὐδὲν ἄμεινον ἂν φανεῖη.

facetada quanto se faz previsível — silogístico talvez seja o melhor termo — o apego e a tentativa de (re)construir uma verdade. Como operador heurístico, a fala de Dario é de enorme valor tanto político quanto literário seja pelo problema que escancara, seja como referência do narrador para a construção desse *êthos* especificamente.

Como conclusão não apenas do livro 3, mas da trajetória de Dario para a chegada e a consolidação de seu poder com base nesse *modus operandi*, os parágrafos finais narram o *dólos* ímpar perpetrado pelo conselheiro Zópiro, filho de Megabizo, a fim de que os persas conseguissem assenhorear-se da cidade de Babilônia. O (in)verossímil e o enganoso perpassam todo o relato de caráter novelístico¹².

Um prodígio (*téras*) é anunciado a Zópiro por serviçais: uma das mulas cargueiras havia dado cria. O conselheiro, então, meditando sobre o ocorrido, recorda as palavras de um babilônio que, do topo das muralhas e em tom de zombaria, havia dito que os persas só conquistariam a cidade quando mulas parissem (3.151). Zópiro toma a bravata do soldado por oráculo divino, concluindo que Babilônia estaria predestinada (*mórsimon*) a ser conquistada (3.153).

Após conversar com Dario e saber de seu forte desejo de conquistar a cidade, Zópiro toma uma atitude radical e singular, a fim de que a honra da conquista não pudesse de modo algum caber a outro: mutila a si mesmo, decepando o nariz e as orelhas, repica horrivelmente os cabelos e se auto-flagela, a fim de conseguir penetrar na cidade como suposto desertor (3.154). Quando retorna à presença de Dario, seu aspecto é tão horrendo e convincente que provoca imediata indignação do rei, que só muda de opinião quando Zópiro explica o estrategema que levaria à queda da cidade: dentro de alguns dias o rei enviaria contra Babilônia soldados de pouco valor e mal armados, verdadeiros “bois de piranha” a serem sacrificados por Zópiro, que assim conquistaria pouco a pouco a confiança dos sitiados. Somente quando o conselheiro detivesse o comando de Babilônia Dario deveria marchar com todo o efetivo, para o ataque definitivo (3.155).

¹² Cf. ASHERI (2007) 523, que assim designa o episódio e também o remete a precedentes épicos como e.g. *Od.*4.242ss.

Em seguida, Zópiro se põe a caminho da cidade *voltando-se para trás com frequência, como se fosse verdadeiramente um desertor*¹³. Ludibriados por seu aspecto e declarações, os babilônios o acolhem, *dele esperando a mais absoluta verdade*¹⁴. Quando os babilônios lhe entregam batalhões e o vêem massacrando soldados de Dario, conforme haviam antes combinado ele e o rei, ficam muito satisfeitos, *pois seus atos correspondiam às suas palavras*¹⁵. Quando presenciaram (*idóntes*) uma segunda vitória, todos os babilônios passaram a elogiá-lo (3.157.4). Após a terceira, fazem-no seu comandante supremo (*stratárkhes*) e guardião das muralhas. Todos os sucessos, bem entendido, já haviam sido previamente planejados com o rei e tão somente constituíam a concretização bem sucedida do plano — essa, sim, a face verdadeira da estória. Por fim, no dia marcado Dario cerca e conquista a cidade, e a traição (*dólon, prodedoménoi* — 3.158) de Zópiro se faz evidente (*ekséphaine*). Como recompensa, o conselheiro a recebe livre de tributação futura.

A inverossímil cria de mula e o engodo perpetrado por Zópiro, que age como um Odisseu persa, marcam todo o episódio com assimetrias entre aspecto e intenção, fala e atitude. O ponto central, entretanto, é: Zópiro dá voz e corpo ao raciocínio de Dario antes mencionado, quase como um paradigma a argumentar por uma tese — precisamente o procedimento heurístico que o historiador em-prega ao construir a narrativa, discutindo a realidade da ficção mediante um texto que se pretende verdadeiro.

As mentiras e estratagemas imputadas a Cambises, Dario e Zópiro secundam, num primeiro momento, a ambição pelo poder e se diferenciam conforme as conclusões de cada processo: ruína, no caso de Cambises; obtenção e consolidação, no caso dos demais. No oitavo capítulo do instigante *The liar in your life*, Robert Feldman examina, entretanto, também a motivação psicológica por trás do emprego da mentira, em paralelo com motivações materiais¹⁶. Embora se trate de uma obra sobre psicologia comportamental contemporânea, suas ponderações permitem enxergar as atitudes narradas por Heródoto, se não mesmo sua postura narradora, sob

¹³ Hdt.3.156.1: πολλὰ ἐπιστροφόμενος ὡς δὴ ἀληθέως αὐτόμολος.

¹⁴ Hdt.3.157.1: πάγχυ ἐπίσαντες λέγειν μιν ἀληθέα.

¹⁵ Hdt.3.157.3: τοῖσι ἔπεισι τὰ ἔργα ... ὅμοια.

¹⁶ FELDMAN (2009) 128-142.

um outro prisma e com impactos diretos para a reflexão sobre as porosidades entre historiografia e narrativa ficcional.

Nesse capítulo, Feldman discute a dupla motivação da mentira intencional que poderia visar também, em âmbito psicológico, à obtenção de prazer e aumento da sensação de poder, motivação geralmente atrelada à primeira, material. As figuras do impostor e do golpista (categoria ampla, que abarca desde o punquista ordinário até o político inescrupuloso), unificadas ou não, são peças-chave para se compreender tal motivação e, sobretudo, os mecanismos que a tornam eficaz. Ambos, impostor e golpista, sondam e se servem da crença alheia na realidade aparente que forjam e da vontade alheia de extrair algum proveito dessas manifestações. Assim, logram os próprios objetivos sem necessariamente se apoiar em qualquer consideração de ordem ética em relação ao outro nem excluí-las, uma vez que delas se servem¹⁷. Assim como o narrador que condiciona a cocriação do leitor.

Com diferentes matizes, as três personagens apresentadas por Heródoto exibem essa dupla motivação: se Cambises parece antes gozar as possibilidades que tem de forjar procedimentos estapafúrdios a fim de confirmar os próprios pontos de vista, uma vez que suas ambições materiais já estavam há muito consolidadas, Dario e Zópiro, por outro lado, partem destas e chegam ao final do livro gozando as conquistas advindas do emprego sistemático da mentira intencional como política de Estado. Fica a pergunta sobre se também Heródoto não visaria ao prazer e à sensação de poder decorrentes do trabalho com a ficção, sensações análogas às de Cambises ao acertar a flecha e às de Dario ao se sair bem em suas empreitadas iniciais.

A verdade como problema em Tucídides

A narrativa de Tucídides, por sua vez, toma a verdade como problema e almeja construir dela um critério seguro, ao mesmo tempo unificante e previsível:

Tal o passado qual o descobri, difícil de crer por todo e qualquer indício: as pessoas acatam umas das outras as tradições ancestrais do mesmo modo, sem teste, ainda que

¹⁷ FELDMAN (2009) 134-142.

lhes sejam nativas. A maioria dos atenienses pensa que Hiparco morreu às mãos de Harmódio e Aristogitão quando era tirano e não sabe que Hípias, porque filho mais velho de Pisístrato, governava, e que Hiparco e Téssalo eram seus irmãos. Após suspeitarem, precisamente no dia fatídico, de que alguns dos conjurados os houvessem denunciado a Hípias, Harmódio e Aristogitão dele se afastaram por julgá-lo prevenido; desejando, porém, agir e arriscar-se antes de serem presos, toparam com Hiparco perto do chamado Leocório, enquanto organizava a procissão Panatenaica, e o mataram. Muitos outros fatos, ainda que correntes e não obliterados pelo tempo, também os demais helenos não julgam com acerto, como que os reis lacedemônios teriam direito não a um voto cada, mas a dois, e que entre eles haveria um batalhão de Pitana, que jamais existiu: tão descuidada é a busca da verdade para a maioria, mais inclinada ao que está à mão. Dentre os indícios mencionados, contudo, quem os tomasse à risca tais quais os arrolei não erraria (sem dar muito crédito a poetas, que os cantam adornando e amplificando, nem a cronistas, que os compilaram mais para serem agradáveis à audiência que verídicos, já que os fatos são inverificáveis e muitos se tornaram mitos incríveis com o tempo) mas julgando que foram descobertos a partir dos sinais mais evidentes, por serem bastante antigos. E a presente guerra, muito embora os homens costumem sempre considerar como a maior aquela em que porventura estejam combatendo e, quando a concluem, mais se espantem com as antigas, a quem observe os fatos em si, mostrará, todavia, que foi maior do que essas. Quanto pronunciou cada um que estava na iminência de combater ou já nela engajado, foi-me difícil recordar a exatidão mesma do que foi dito e que eu mesmo ouvi, ou quando me foi reportado por terceiros. Tal qual me pareceu próprio do que cada um tenha falado em cada circunstância, a mim que me mantinha o mais próximo do conteúdo global do que foi realmente proferido, assim está dito. Decidi relatar as ações praticadas na guerra não porque me informasse junto a qualquer um, nem como bem me parecessem, mas examinando uma a uma, em toda precisão possível, aquelas às quais eu mesmo estive presente e as que soube de terceiros. Descobrir é difícil, porque cada um dos presentes às ações não diziam o mesmo sobre elas, mas conforme simpatizava com cada parte ou recordava. Talvez o caráter não mítico delas se mostre pouco agradável à audiência; mas quantos desejarem examinar o que do passado é evidente e que há de ser igual ou semelhante no futuro, segundo a humanidade, isso bastará para distinguir a obra como útil. Ela foi composta como aquisição perene, mais do que como declamação de circunstância (Th.1.20-22).

Fosse para averiguação do passado reconstruído por interpretação, fosse principalmente para a apreensão autóptica do presente, pessoal e próprio, ou alheio, logo à primeira vez em que Tucídides evoca *alétheia* (1.20.3: *he zéthesis tês aletheías*) a noção exprime um âmbito de investigação meticulosamente pensado como diferença contrastiva, como oposição que demarca outro espaço-tempo de percepção já na ação mesma do distancia-

mento, pois que apartada respectivamente das tradições orais (*akoàs*), da incúria (*abasanístos*), da ignorância (*ouk ísasin*), do esquecimento (*amnestoúmena*), da incorreção (*ouk orthôs oíontai*), do descuido (*ataláiporos*), da precipitação (*tà hetoîma*), do equívoco (*oukh hamartánoi*), dos relatos de poetas (*oúte hos poietai*), dos relatos de escritores (*oúte hos logográphoi*), da apreciação impressionista (*tòn parónta aiei mégiston krinónton*) e do fascínio (*thaumazónton*). Por outras palavras, ao tentar delimitar o âmbito de *alétheia* o historiador ateniense enuncia ao menos três modos — tradição oral e relatos de poetas e escritores — de se pensar a ficção, preterida em razão da malha de negativas que a caracterizaria. Tão incisiva e minuciosa tomada de distância não é fortuita: tais elementos, atitudes e personagens são referidos como potenciais usurpadores de uma *alétheia* que não alcançam e consolidadores de uma determinada atitude que vetaria o acesso a ela — seriam potenciais agentes de encantamento, não de esclarecimento como o narrador e a obra que despontam.

O emprego do vocábulo negador e tradicional (*a-létheia*) corrobora a sugestão de disjunção, exclusividade e peculiaridade, descortinando um pouco do que o critério não é sem ainda revelar o que eventualmente seria. Sinalizando ausência e privação antes que um referencial qualquer, a formulação libera o pensamento para especular sobre o que nela (isto é, no interior do espaço-tempo por ela delimitado) ficaria exposto a exame. Dois movimentos são inicialmente detectáveis já na ocorrência da formulação. O primeiro, de fora para dentro, isto é, de exame, apreensão e meditação do real, foi executado pelo narrador. O segundo, de sentido oposto, isto é, de reflexão e (re)criação, fica a critério do leitor-investigador, como também ocorre no texto de Heródoto. Assim como a ficção no texto deste, aqui é *alétheia* que exprime uma abertura mediadora na qual se podem comunicar, como que no interior de um canal por eles próprios aberto, evento, narrador, narrativa e leitor. Os únicos elementos que despontam naquela sequência negativa e com ela contrastam, sinalizando eventuais agentes promotores da abertura ou o que nela se poderia entrever, sugerem também positivamente um traço distintivo para a obra iniciada. São os “fatos em si” (*ap’ autôn tòn érgon*), de momento forçosamente esquivos à definição precisa e

correlacionados por sinédoque à humanidade (*tò anthrópinon*) e à aquisição perene (*ktêmá te es aiei*) mencionadas no parágrafo seguinte (Th.1.22).

A transitividade entre uma definição de verdade em si e uma outra, a de verdade narrativa (intra ou extra indistintamente), parece tão corriqueira para Tucídides quanto marca de uma conjuntura intelectual mais ampla. Nos *Discursos duplos*, por exemplo, texto contemporâneo do historiador ou pouco posterior, e que reflete discussões de caráter sofisticado do último quartel do século V a.C., por duas vezes no mesmo discurso a questão é repisada¹⁸. Tal transitividade, embora entrevista pelo historiador — as afirmações em primeira pessoa e a constatação de que simpatia e memória alheias condicionam a existência e o teor dos relatos são eloquentes — é a razão de diversos paradoxos (talvez pressentidos pelo historiador, daí o empenho definidor) que culminariam em juízos como o de O. Wilde antes mencionado. A apreensão e reconstrução de uma verdade factual inevitavelmente pressuporá sempre procedimentos de seleção subjetiva irreduzíveis à formalização, daí a inerência forçosa da ficção em todo o processo, como Tucídides sinaliza nos parágrafos 1.20-22, ainda que prudentemente jamais o afirme.

Os ditos fatos em si, por sua vez, não se encontram em outro espaço-tempo senão no da meditação do narrador e, por implicação, também na do leitor-evento. A primeira constatação é o próprio historiador quem exprime:

O mesmo Tucídides de Atenas descreveu tais eventos em sequência, conforme cada um ocorreu ao longo de verões e invernos, até que lacedemônios e aliados puseram fim ao império dos atenienses e capturaram os grandes muros e o Pireu. Nesse ponto o total de anos da guerra foi de vinte e sete. (...) Estou sempre lembrado (mémnemai) de que, desde o início da guerra até o momento em que terminou, muitos diziam que ela deveria durar três vezes nove anos. Vivi-a (epebion) toda em idade de plena posse de minhas faculdades (aisthanómenos) e podendo aplicar meu entendimento (proséchon tèn gnómen) a saber (eísomai) qualquer coisa precisamente. Ocorreu-me ser exilado de minha pátria por vinte anos após a estratégia respeitante a Anfípolis; e, tendo-me imiscuído (genoméno) nos assuntos de ambos os lados e não menos nos dos peloponésios devido ao exílio, compreendê-los (aisthésthai) ainda mais com calma (Th.5.26.1 e 4-6).

¹⁸ καὶ γὰρ τὸνδε λέγω· πρῶτον μὲν, ὅτι τοῖς αὐτοῖς ὀνόμασι λέγονται· ἔπειτα δέ, ὅταν λόγος ῥηθῆι, αἱ μὲν ὡς <κα> λέγηται ὁ λόγος, οὕτω γεγένηται, ἀλαθῆς ὁ λόγος, αἱ δὲ μὴ γεγένηται, ψευδῆς ὁ αὐτὸς λόγος (fr. 4.2 DK); ἐκ δὲ τῷ λόγῳ λέγοντι ταῦτα, ὅτι γενομένῳ μὲν τῷ πράγματι ἀλαθῆ τὸν λόγον <λέγοντι>, ἀγενήτω δὲ ψεύσταν. οὐκ ὄντων διαφέρει <αὐτῶν τῶννυμα, ἀλλὰ τὸ πρᾶγμα (fr. 4.7 DK).

Escrito após o fim da guerra (404 a.C.), o parágrafo acima, conhecido como “segundo prefácio”, contrasta com todo o restante da obra pelo acúmulo de formas em primeira pessoa e o tom acentuadamente memorialista, a sugerir um balanço da própria vida de vasta abrangência definido por balizas fundamentais e sumárias: a vivência de toda a guerra, o conhecimento de ambos os lados em conflito e a meditação ininterrupta. As poucas informações biográficas dadas à vista são esquivas e impessoais, calculadas para conferir credibilidade à autoridade (*êthos*) do escritor antes que para descrever-lhe a personalidade. O “segundo prefácio” reafirma a mediação das virtudes intelectuais do indivíduo que narra a obra, e assim constitui peça fundamental para a construção desse *êthos*. É, pois, outro modo de ficção heurística que tem por meta garantir a verdade ambicionando ser integrante dela mesma. O olhar de Tucídides, ainda quando demorado sobre si mesmo, intencionalmente não faz assomar uma personalidade ao primeiro plano da narrativa: é apenas e precisamente sua condição pública de autor e personagem da narrativa, não a de indivíduo privado, que é oferecida ao exame público.

O distanciamento e a demora do olhar da memória em relação aos fatos narrados atribuem sentido à disjunção entre o comando exercido em 424/3 a.C., o exílio subsequente e a posterior narração de cada evento: se Tucídides almejou sinalizar relações causais, estas só podem ser conjecturadas a partir de explícitas menções temporais; e a única ilação fidedigna a ser extraída do passo é que a memória de seu autor, derivada de experiência autóptica, é fundamento e fim de um saber privilegiado, estrategicamente apresentado por via de ao menos cinco formas que se iluminam reciprocamente (*mémnetai, epebion, aisthanómenos, proséchon tèn gnómen, eísomai*). Seriam diferentes a memória reconstruída e a ficção narrada?

De modo semelhante, outro passo corrobora não as virtudes intelectuais, mas os procedimentos investigativos por elas desencadeados, e auxilia a perceber o quanto tais procedimentos são fruto de escolha deliberada, por isso também ficções heurísticas que ambicionam valer por verdade. Na “digressão sobre os pistrátidas” (Th.6.54-59) o historiador aduz novo elemento: *que por ser o mais velho Hípias governava, sustento sabê-lo (eidós) também por tradição oral (akoé) com mais precisão que os demais (6.55.1).*

A palavra-chave do passo é “também”, que confirma o exemplo fornecido no parágrafo imediatamente anterior, o de que Hípias havia governado uma vez que seu filho, também chamado Pisístrato, havia erguido o altar do Pítion, cuja inscrição ainda podia ser lida pelo historiador, a despeito do desgaste das letras (*amydroîs grámmasi*). Neste caso, tradição oral e visão se somam como constituintes dos fundamentos complementares de um saber almejado verdadeiro. Mesmo para a construção da verdade, calcada no exercício consciente da visão, a ficção, tradicional ou não, é admitida como partícipe necessária.

Ao exemplificar empregando quase que os mesmos termos, os parágrafos 5.26 e 6.55 almejam infundir concretude narrativa à teria enunciada em 1.20-22. São, portanto, comprovações construídas para validar a premissa que supostamente ordenaria toda a narrativa. E, como tais, são metáforas ficcionais, ou ficções heurísticas, que auxiliam a problematizar a verdade narrativa, senão mesmo a verdade factual, ambas indistintamente objetos da preocupação do historiador.

Verossimilhanças

Assim como as Musas na *Teogonia* de Hesíodo (26-28), Cambises, Dario e Zópiro, na narrativa de Heródoto, delimitam a autonomia da ficção, como versão, na arena em que outras versões competem. Tratada como autônoma, a ficção não se restringe à esfera do dizer, abarcando também a do agir, na qual se materializa. Assim como as Musas materializam a existência dos sempre-vivos pelo canto, nele (in)distinguindo ficção e realidade, do mesmo modo Heródoto materializa pela narrativa as ficções outrora operadas pelos reis que enfoca, tenham sido elas expedientes realmente postos em prática ou não. Nos dois casos, a palavra do poeta e do narrador são as únicas testemunhas e garantias oferecidas pelos e para os relatos. Na impossibilidade de comprovação alternativa, também a narrativa historiográfica cria seus próprios referentes por e em si mesma, conforme se desenrola, exatamente como o faz toda ficção.

Ao discutir distintas possibilidades de trabalho com a ficção e suas relações com o real, T. Eagleton pensa-a não como reflexo ou parasita do real, nem como suposto preenchimento de um *gap* entre realidade e linguagem, mas como prática social e crítica, de direito próprio, autodeterminada em

nossa natureza humana comum e autofundante, capaz de inscrever a utopia na atualidade do próprio contexto histórico¹⁹. É no âmbito desse mesmo entendimento — pensando verdade e ficção como metalinguagens reais ou simuladas, como práticas sociais partilháveis, transformadoras e autonomizantes, e não como categorias ontológicas estanques e inconciliáveis a ser catalogadas — que ora penso o diálogo entre uma e outra no interior das narrativas de ambos os historiadores.

“O fato de a ficção carecer de um referente individual significa que ela pode iluminar a natureza da referência de modo ainda mais instrutivo”²⁰, porque mediadora de possibilidades. A narrativa histórica tem como contrapartida e se perfaz em intercâmbio, cotejo, filtragem e aproveitamento de integrantes de fundações análogas, como o discurso ficcional, que partilham da organização ou do método, por vezes também dos problemas, mas não necessariamente do intento, finalidade ou fundamento daquela narrativa. No caso específico do romance antigo, J. Brandão observa algo que pode ser estendido à ficção inerente à narrativa historiográfica: “[t]rata-se, nesses casos, de meramente decidir qual peso será emprestado aos elementos fictícios e históricos, o que cabe, natural e unicamente, ao recebedor”²¹. Seria a verdade historiográfica (não necessariamente histórica) a mais refinada e persuasiva das ficções do gênero, um modo de crença ao fim do processo de persuasão, como subentendido no juízo de O. Wilde?

Os acontecimentos narrados por Heródoto envolvendo as personagens em questão teriam se passado num período que o precedeu em duas ou três gerações, isto é, só poderiam ter chegado ao conhecimento do *histor* por via de informes alheios. Ainda que tivesse sido presenciado em todos os mínimos detalhes, nem por isso o passado deixaria de ser o resultado da reconstrução da memória. Embora impossíveis de serem apropriadamente respondidas, outras questões também despontam: teria o historiador pretendido narrar verdadeiramente mentiras e estratégias de fato perpetrados? Ou teria forjado ele próprio tais episódios com a finalidade de suscitar prazer

¹⁹ Cf. cap. 4 — “The nature of fiction” de EAGLETON (2012) 106-166.

²⁰ EAGLETON (2012) 162.

²¹ BRANDÃO (2005a) 167.

em determinada audiência, qual um hábil contador de histórias que visa ganhos materiais, para além do prazer de fascinar seus ouvintes?

Tais questões permitem situar o gênero praticado pelo *hístōr* entre dois limites porosos e em estreita colaboração, as construções voluntárias seja de uma narrativa almejada verdadeira, que transporia em palavras “algo que realmente aconteceu”, seja de um *dólos* sutil destinado a entreter a atenção do ouvinte-leitor. Como *hístōr*, Heródoto interroga, medita e (re)constrói; como Odisseu, entretanto, ou como Zópiro, forja a própria ficção precisamente por saber como se elabora um discurso verossímil conforme as convenções sócio-antropológicas em que se reconhece mergulhado, para as quais o critério de verdade seria dado por aspectos lógicos de exatidão, coesão e autenticidade²², não necessariamente de adequação entre realidade e discurso. Ao discutir o problema do uso do mito na narrativa de Heródoto, A. Marzi²³ toca num ponto fundamental: para o historiador “o polo negativo, o mal historiográfico absoluto não é o falso nem o verossímil, mas o esquecimento”. O caráter do relato, se verdadeiro ou fictício, é secundário em relação a uma verdade constituinte mais ampla, a da preservação contra os efeitos deletérios do tempo. E nisso Heródoto se assemelha ainda mais ao Dario de 3.72, indiferentes ambos ante meios distintos mas que conduzem a um mesmo fim, este sim objeto da atenção de cada um: o poder e a preservação contra os efeitos do tempo (1.1).

Teria Heródoto forjado um modelo explicativo para transmitir um efeito de realidade, assim privilegiando antes a lógica interna do relato e sem fazer caso de eventuais adequações factuais? Ou estaria a alinhar informes ajuizados e sequenciados de modo a suscitar determinada percepção ou sensação em sua audiência, assim buscando antes reportar as complexidades de uma realidade que sabe de difícil ou mesmo impossível compreensão? Ou ambas as atitudes ao mesmo tempo, em indissociável cooperação? Parece impossível, senão mesmo inútil, tentar identificar ora o historiador *strictu sensu* (tanto faz se em acepção antiga ou contemporânea), ora o contador de causos afim do poeta ou do romancista. Verdade e ficção, entendidas ora como

²² Baseio-me diretamente nas considerações de BRANDÃO (2005) 159.

²³ MARZI (2015) 60-65.

substâncias, ora como qualificadores da narrativa, são igual e voluntariamente instrumentais, como já advertido por Dario. Ambas visam persuadir intra e extranarrativamente, tornando-se referenciais especulares para audiências que se autorreconhecem com o auxílio desse *outro* se assim o desejarem.

Mais importante e mais fecundo parece ser, antes, o efeito iluminador, mais do que reflexivo, suscitado pela obra, e cuja perenidade constitui como que um componente do DNA meta-histórico do ocidente para bem e para mal. O narrador bem sucedido é indissociável do historiador competente sem prejuízo — ao contrário — para nenhuma das ocupações, que nele jamais se excluem. É a verdade, como pressuposto de presença ou adequação fato-discurso, não a ficção, que fica a cargo do leitor atribuir à narrativa; é esta, portanto, o problema inerente, e não aquela. Heródoto parece ter entrevisto claramente, e aproveitado, o fato de que com a verdade, ou com o efeito dela, é possível forjar também ficções e vice-versa — são intercambiáveis quando não estão em jogo nem ganhos nem limites éticos —, a despeito da ausência de pronunciamentos explícitos e, sobretudo, pelo embaralhamento voluntário de pistas verdadeiras e falsas. Se de fato há algo da fala de Dario que perpassa o relato do livro 3, senão mesmo toda a obra, é a consequência tão lógica quanto irônica da equiparação entre verdade e ficção: se pensada como falsa, então se está diante de dois elementos distintos em suas respectivas autonomias: ficção e verdade. E se pensada como verdadeira, por consequência tal juízo seria também falso²⁴. Em qualquer dos dois casos, o caráter verdadeiro a ser atribuído não elide, antes pressupõe, o fictício inerente à narrativa verossímil. Em tempos de pós-verdades e guerras entre versões, o paradigma herodotiano permanece como estímulo e, a um só tempo, advertência instigantes, sobretudo por lidar com questões igualmente tão candentes.

A narrativa tucidideana, por sua vez, seria quase que uma imagem em negativo das considerações acima, permutando-se respectivamente verdade por ficção, mas ela parece, ao contrário, bem mais alinhada à perspectiva herodotiana do que se pode entrever de saída. A observação atribuída a

²⁴ Essa versão do “paradoxo do mentiroso” aparece formulada nos *Discursos duplos* (fr. 4.6 DK), texto pouco posterior a Heródoto, mas que reflete discussões sofisticadas contemporâneas do historiador.

Péricles que, embora adscrita à circunstância do discurso epitáfio, vale como chave de reflexão para toda a narrativa, na qual se amplifica: *é difícil falar comedidamente quando a duras penas mesmo a aparência de verdade se garante*²⁵. A despeito da dificuldade inerente à tradução do conceito-chave *dókeis*, ora provisoriamente vertido por “aparência”, está claro que, se mesmo parte da verdade, e não ela mesma *in toto*, padece dificuldades para se impor, seja naquele momento preciso, seja, extrapolando-se, como narrativa do historiador, o que se dirá da verdade em si, admitida como algo encontrável e dizível. A sentença replica, em outro contexto e de modo muito mais conciso, praticamente todo o arrazoado de 1.22: a *akríbeia* como definidora intrínseca do critério de verdade, ora associada a *metríos* e, naquele passo, à precisão e à evidência, ou não-ocultação, implicada no étimo do vocábulo e buscada seja naquilo que se ouve de parte alheia, seja, principalmente, no que se vê: o anseio por manter-se *o mais próximo do conteúdo global do que foi realmente proferido e a toda precisão possível*. Em uma palavra, que praticamente se repete nos dois passos: ao reputar a verdade como algo difícil (penosa em 1.22.3) e condicionado pela precisão — observações que em momento algum Heródoto faz relativamente à ficção, pois que inerente à subjetividade prático-intelectual do narrador — muito indiretamente Tucídides também acena para o papel fundamental da ficção como constituinte da narrativa historiográfica. Não a ficção intranarrativa, mas agora a extranarrativa, dada a consciência do abismo de procedimentos mediando entre verdade factual, sua apreensão intelectual e a reconstrução narrativa, consciência demonstrada pelo recurso à (in)definição da verdade via acúmulo de negações. Tucídides, por outras palavras, contribui tanto quanto Heródoto para problematizar a ficção — no caso, indiretamente, ao ater-se ao problema da verdade. Ou, por outro lado: na ausência de um critério matemático, estático e definitivo, o que não seria ficção, ou como separar cirurgicamente o elemento ficcional da verdade (re)construída?

²⁵ Th.2.35.2: χαλεπὸν γὰρ τὸ μετρίως εἰπεῖν ἐν ᾧ μάλιστα καὶ ἡ δόκησις τῆς ἀληθείας βεβαιούται.

J. Moles²⁶, num juízo depois endossado por P. Cartledge²⁷, considera que “Thucydides blurs the polarity between the poet and the historian”, embora pouco adiante afirme que, para a historiografia antiga, “truth is largely conceived as a matter of the absence of prejudice. It is accepted that truth resides only in a factual core, sometimes very small, which it is the historian's job to build up in a rhetorically persuasive manner”. Ora, a preocupação de ambos, Moles e Cartledge, é a de mostrar a) a existência de uma concepção antiga de verdade associada a noções de imparcialidade e b) que as relações entre historiografia e realidade constituem modos de se afirmar a existência de verdades factuais devidamente resguardadas das malhas da ficção. Tais preocupações, diferentemente das de T. Eagleton, não pensam a ficção como *outro* autônomo do real mas implicitamente como produto menor dele. Por outro lado, entretanto, se é possível tentar entrever verdades factuais nos textos de Heródoto e Tucídides, isso implica sempre a necessidade de decodificação de traços por elas deixados, isto é, recriação, reconstrução e — por que não? — ficcionalização da própria verdade, que fenece na efemeridade mesma de cada uma de suas manifestações fenomênicas. Se alguma verdade existe, só a ficção a apreenderia e tornaria inteligível?

Um exame que oferecesse mais respostas do que os problemas que o motivaram talvez eliminasse a própria razão de existir. A epígrafe deste texto, proveniente de um romance contemporâneo, fala em memórias nem sempre seguras, além de compreender o passado como ossos ao redor do ninho da ave de Atena — como realidade e irrealidade a um só tempo. Tais ponderações constelam diversos entendimentos todos muito sugestivos, mas por ora quero destacar apenas dois e com eles encerrar. O primeiro, quase explícito, sintetiza a percepção da ficção como problema, fosse como meio para a composição da narrativa, fosse por abrir o narrado à ausência de qualquer fundamento, assim alçando-o à qualidade de criação do intérprete-evento sustentada por outra ficção, a do narrador. O segundo, bem mais sutil, talvez aluda também aos ossos daqueles que perguntaram pela essência da

²⁶ MOLES (1993) 110 e 116 respectivamente.

²⁷ CARTLEDGE (2009) 378.

verdade, ou mesmo por sua existência. Seria o mistério fundamento nos dois casos? Ou meras elucubrações prazerosas de um caipira pensativo? Mas não são arrebatadamente verdadeiras as questões desentranhadas pela ficção?

Bibliografia

- ASHERI, D.; LLOYD, A.; CORCELLA, A. (2007), *A commentary on Herodotus Books I-IV*. Edited by O. MURRAY & A. MORENO. Oxford, Oxford University Press.
- BARAGWANATH, E. (2008), *Motivation and narrative in Herodotus*. Oxford, Oxford University Press.
- BRANDÃO, J. L. (2005), *Antiga Musa: (arqueologia da ficção)*. Belo Horizonte, UFMG.
- BRANDÃO, J. L. (2005a), *A invenção do romance*. Brasília, UnB.
- CARTLEDGE, P. "Taking Herodotus personally": *CW 102* (2009) 371-382.
- EAGLETON, T. (2012), *The event of literature*. New Haven; London, Yale University Press.
- FELDMAN, R. (2009), *The liar in your life. The way to truthful relationships*. New York, Hachette.
- JAY, M. "Historical explanation and the event: reflections on the limits of contextualization": *New Literary History* 42 (2011) 557-571.
- MARZI, A. "Più vero del vero? La funzione del falso e della simulazione nella storiografia antica": *Quaderni di storia* 82 (2015) 49-76.
- MOLES, J. L. (1993), "Truth and untruth in Herodotus and Thucydides": GILL, C. & WISEMAN, T. P. (coord.) (1993), *Lies and fiction in the ancient world*. Exeter, University of Exeter Press, 88-121.
- NICOLAZZI, F. "O historiador enquanto leitor: história da historiografia e leitura da história": *História da historiografia* 13 (2013) 63-77.
- PIRES, F. M. "Thucydide et l'assemblée sur Pylos (IV.26-28): rhétorique de la méthode, figure de l'autorité et détours de la mémoire": *The Ancient History Bulletin* 17 (2003) 127-148.
- WILDE, O. (1905), "The decay of lying": WILDE, O., *Intentions*. New York, Brentano, 1-17.

Resumo: Este texto discute a delimitação de ficção e verdade respectivamente nas narrativas de Heródoto e Tucídides, tentando partir daquela a que mais dedicou atenção cada um dos historiadores. Por via de abordagem comparativa e historiográfico-literária, o texto objetiva examinar a zona ambígua de colaboração e embate entre ambos os domínios nas narrativas desses historiadores.

Palavras-chave: Ficção; verdade; Heródoto; Tucídides.

Resumen: Este artículo discute la delimitación de ficción y verdad, respectivamente, en las narraciones de Herodoto y Tucídides, abordando así el aspecto en el que cada historiador se concentró más profundamente. Mediante un enfoque comparativo e historiográfico-literario, el artículo tiene como objetivo examinar la zona ambigua de colaboración y disputa entre ambos aspectos en esas narrativas.

Palabras clave: Ficción; verdad; Herodoto; Tucídides.

Résumé : Cet article traite de la délimitation de la fiction et de la vérité, respectivement, dans les récits d'Hérodote et de Thucydide, en abordant l'aspect sur lequel chaque historien s'est le plus profondément concentré. Au moyen d'une approche comparative et historiographique-littéraire, le texte vise à examiner la zone ambiguë de collaboration et de conflit entre les deux aspects dans les récits de ces historiens.

Mots-clés : Fiction ; Vérité; Hérodote ; Thucydide.